

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

AS CRENÇAS E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

LYZ MARIA ACCORSI

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT	
RINº	7472
Data	06 / 11 / 02

37(=1/9)
A372C
Ex 1
C92569650

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

AS CRENÇAS E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda como requisito final para a obtenção
do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Carmem Zirr

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

É com carinho que dedico este ensaio monográfico aos meus pais, Moacyr Accorsi e Orézia M. N. Accorsi e ao meu filho Junior Gaspar pelo imenso amor que fortalece-me e permite-me, tornar sonhos em realidades.

Agradecimentos especiais a toda minha família, professores e amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste meu ideal.

**“O ser humano aprende cada vez
mais fácil e mais rápido a não ser que
tenha aprendido muitos limites.”**

(Touché!!!)

SUMÁRIO

Apresentação	7
A História da Língua Inglesa.....	8
As Crenças e a Aprendizagem de Língua Estrangeira	10
Pesquisa.....	15
Entrevistados	15
Instrumento.....	15
Coleta de Dados.....	16
Análise dos Dados.....	16
Resultados.....	18
Conclusão.....	20
Bibliografia.....	21
Anexo.....	

APRESENTAÇÃO

Pretende-se neste ensaio monográfico verificar as influências das crenças na aprendizagem de Língua Estrangeira (inglês); definir o que geram as crenças em um indivíduo, observar se há crenças que desestimulam o aprendizado de Língua Estrangeira e quais as crenças mais comuns existentes entre os aprendizes da mesma.

Para a realização deste ensaio conta-se com uma pesquisa de campo em caráter quantitativo, que terá como instrumento de apoio um questionário direcionado, no qual, serão calculadas as respostas em porcentagem para averiguar, quais são as crenças mais comuns entre os estudantes de língua inglesa.

A HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA

A Língua Inglesa nasceu do idioma dos Anglos e Saxões (Germanos) que no século V invadiram a Bretanha, hoje Reino Unido da Grã-Bretanha.

Durante 1.500 anos de evolução, foi influenciadas por outras línguas como: o celta, o latim e o francês. A história da língua inglesa é dividida em três períodos; o arcaico ou anglo-saxão (século V ao XI), o médio (século XI ao XVI) e o moderno (a partir do século XVI).

Seu patrimônio vocabular hoje é estimado em 750.000 palavras. Apenas metade dos vocábulos é de origem Germânica, o restante provem do latim e de línguas neolatinas como: o francês, o espanhol e o italiano.

A língua Inglesa foi escolhida para fazer parte do currículo escolar brasileiro como Língua Estrangeira Moderna (LEM), porque é considerado um idioma universal; está intimamente ligado ao desenvolvimento tecnológico e econômico; é responsável por 67 % das publicações científicas do mundo; permite acesso fácil e rápido às manifestações socioculturais e literárias; é oficialmente falada em mais de 40 países, seja como primeira e/ou segunda língua girando em torno de 700 milhões de falantes com um aumento de 40 % nos últimos 20 anos, um total que representa 1/7 da população do mundo.

Há quatro pontos importantíssimos para uma língua estrangeira se sobressair em relação às demais: “1) o número de pessoas que falam essa língua; 2) a extensão na qual a língua está geograficamente dispersa; 3) seu peso veicular; e, por fim, 4) influência econômica e política daqueles que a falam como língua materna.” (SANTOS, 1984:4-8). Ainda de acordo com Santos, o que surgiu de maneira surpreendente quanto à língua inglesa “(...) é que por qualquer desses critérios torna-

se proeminente, e por combinação dos quatro é com certeza notável.”
(SANTOS,1984: 4-8).

Diante das afirmações acima, não há duvidas da importância da língua inglesa no currículo escolar, pois, se hoje a mesma faz-se presente no mundo com tanta intensidade, num futuro não muito distante será imprescindível aos jovens a necessidade de dominá-la.

AS CRENÇAS E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

É de nosso conhecimento, que o ensino de uma língua estrangeira tem um papel importantíssimo para o desenvolvimento psicológico, social, cultural e afetivo do aprendiz.

Para Costa (1987:70), o ensino de uma língua estrangeira deve ser disposto não só nas dimensões práticas e culturais mas também, e principalmente na dimensão formativa, a qual “(...) está estreitamente ligada ao desenvolvimento pelo aluno de ‘estratégias de aprendizagem’, ou o aumento de sua capacidade enquanto, aprendiz, de ‘aprender a aprender’, de lidar com situações novas, não previstas (...)”. Sendo assim cada indivíduo tem seu jeito particular de ser, pensar, sentir, criar e aprender que em parte é resultado do seu sócio-histórico-ideológico e da sua dimensão formativa, ou seja, o meio onde o indivíduo vive contribui e influencia para a formação do seu senso crítico em relação às suas concepções de certo ou errado, bom ou ruim, fácil ou difícil e das formas utilizadas para obter-se o conhecimento da língua alvo. Esta particularidade leva o indivíduo a criar ou acreditar em “conceitos”, passando então a formular suas crenças, as quais exercem fortes influências acerca do seu ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

Metodologistas da área de língua estrangeira afirmam que há algo mais envolvido no aprendizado, além de materiais e técnicas de ensino utilizadas pelo professor em uma sala de aula, algo oculto aos olhos, transparente, que atua dentro e entre os discentes e que também é responsável pelo sucesso ou insucesso do aprendizado. A partir da intensificação dos estudos, certificou-se de que as crenças têm uma atuação importante no ensino/aprendizagem alcançando um vasto campo de características, que podem influenciar o aluno na motivação para aprender, nas suas

expectativas sobre a aprendizagem da língua, nas percepções do que ele compreende como fácil ou difícil na mesma e até nas estratégias que favorecem seu aprendizado. A ocorrência dessas características em um nível baixo ou de maneira não correspondente com as necessidades e expectativas do discente pode acarretar o desestímulo da aprendizagem e consequentemente a formulação pelo mesmo de crenças negativas em relação ao seu ensino/aprendizagem.

Uma crença pode revelar-se de maneira negativa dependendo por exemplo da interpretação do aluno diante da correção de um erro feita pelo professor, pois um feedback pode desestimulá-lo na aprendizagem da língua alvo.

De acordo com PUCHTA (2000:28), os alunos possuem um sistema de crença particular que é responsável pela organização da sua capacidade de aprender. Esse sistema é influenciado pela sua identidade, isto é, pela maneira como ele se assumi enquanto aprendiz.

As diversas experiências de insucesso certamente impõem ao aluno limites que impedem suas habilidades de aprendizagem e promovem mudanças no seu comportamento em sala de aula; suas ações refletem em grande parte o seu contato com a língua alvo, ocorrendo então a influência da sua capacidade sobre o seu comportamento e consequentemente o desestímulo no seu aprendizado.

Verificaremos alguns tipos de crenças comuns, formados sobre a língua em relação ao ensino/aprendizagem da mesma:

Crenças sobre a natureza das linguas; os aprendizes costumam dizer que uma língua é mais difícil de aprender do que outras, ou que a parte da gramática é mais complicada do que as demais partes da língua.

Crenças sobre falantes nativos; as diferenças culturais existentes entre um país e outro. Ex.: as diferenças na forma do uso do discurso; o que é educado falar para um americano pode ser deselegante para um brasileiro ou ao contrário.

"The attitudes learners have about native speakers of English may also be influenced by cross-cultural differences in communicative style between English speakers and people from another culture", (RICHARDS J. C. LOCKHART C., 1994:52).

Crenças sobre as quatro habilidades da língua; de acordo com RICHARDS e LOCKHART (1994), estas crenças podem ser refletidas em suposições específicas sobre: listening, speaking, reading and writing. Ex.: o aluno acredita que ler livros ou revistas na língua estrangeira quando o vocabulário está além do seu alcance é desperdício de tempo.

Crenças sobre aprendizado de línguas; os alunos trazem para sala de aula suposições específicas sobre os tipos de estratégias e abordagens que eles acreditam ser efetivas para o aprendizado. Ex.: o aprendiz acredita que a melhor maneira de aprender a língua estrangeira é manter contato com falantes nativos da língua.

"Students bring to the classroom very specific assumptions about how to learn a language and about the kinds of activities and approaches they believe to be useful. For example: The best way to learn a language is to mix with native speakers of the language", (RICHARDS e LOCKHART, 1994:5).

Crenças relacionadas ao comportamento apropriado em sala de aula; fazendo uso ainda das palavras de RICHARDS e LOCKHART (1994), esta crença pode surgir a partir do que o aprendiz julga ser a maneira ideal de interação e de como deve agir perante o professor no momento da aula. Ex.: o aluno pode acreditar ser deselegante questionar suas dúvidas durante a aula.

Crenças a respeito de si mesmo; diz respeito às habilidades próprias de cada indivíduo enquanto aprendiz de L.E. Ex.: há alunos, que acreditam ter facilidades para aprender e lembrar vocabulários e outros que crêem ter grandes dificuldades de adquirir a língua alvo naturalmente e por isso, julgam-se maus aprendizes.

“Learners’ perceptions of their own strengths and weaknesses as language learners can influence the use they make of opportunities available for language learning and priorities they set for themselves”, (RICHARDS J. C. LOCKART C., 1994:56).

Crenças relacionadas a capacidade; estas são muito importantes, pois chegam a coordenar as ações e os pensamentos do indivíduo de tal forma a tornar-se uma realidade após serem formadas no seu íntimo.

“When we believe something, we act as if it is true. And this makes it difficult to disprove. Beliefs are strong perceptual filters of reality. They make us interpret events from the perspective of the beliefs, and exceptions are interpreted as evidence and further confirmation of the belief”, (PUCHTA H. in New Routes # 11 October 2000, p.28).

Crenças sobre o ensino de línguas estrangeiras; o contexto escolar é um forte veículo de transmissão de crenças, pois, neste local o aluno mantém contato com diferentes professores, por vários anos. Ao término de sua vida escolar o aluno já tem seu ponto de vista formado sobre o que funciona e o que não funciona dentro do processo de ensino. Ex.: há alunos que crêem na importância das regras gramaticais e tem a opinião de que os professores devem dar maior enfoque à essas regras no ensino de língua estrangeira.

Esses anos de experiências traz também ao aluno a oportunidade de traçar segundo suas concepções a imagem do professor ideal que são entre outras, ser paciente, ter criatividade e saber despertar a criatividade do aluno, prover informações claras e precisas e ter habilidade para julgar e avaliar.

“Learners often have specific expectations as to how teachers teach and what their roles and responsibilities are. For example: The teacher’s responsibility is to provide information (...). (...) good teacher is that they can show that creativity to the person and persuade them to use it. (...) need patience, (...) and an ability to judge (...)”, (RICHARDS J. C. LOCKART C., 1994:54).

Sendo o contexto escolar um dos meios de transmissão de crenças e o professor uma pessoa de grande valor para o aluno; por ser a fonte de contato mais próxima que o mesmo tem com a língua alvo e por passar boas horas de estudo ao seu lado, verifica-se que o professor é responsável por boa parte das crenças e mitos existentes nos alunos.

Segundo PUCHTA (2000), as crenças e as expectativas dos professores são transmitidas aos alunos de formas verbais e não verbais. Estudos confirmam que várias crenças que bloqueiam o aprendizado não são baseadas em fatos reais, mas são formadas de repetidas experiências e por meio do professor.

Nesse caso o professor deve aprender a conhecer e a lidar com as próprias crenças, para evitar que as mesmas sejam absorvidas pelos alunos de maneira negativa arriscando enfatizar alguma dificuldade de sua personalidade (enquanto aprendiz) e gerar danos ao seu aprendizado.

As crenças desenvolvidas pelos alunos são o ponto referencial para o seu sucesso e/ou insucesso na aprendizagem.

PESQUISA

Pretende-se nesta pesquisa identificar as crenças mais comuns existentes no processo de aprendizagem da língua estrangeira, (Inglês).

A pesquisa será realizada na categoria quantitativa.

Para alcançar o objetivo acima mencionado, procede-se neste presente estudo da seguinte forma: primeiramente as crenças serão divididas em seis grupos de crenças e posteriormente serão observadas quais ocorrem com maior frequência entre os alunos do Ensino Médio.

ENTREVISTADOS

Os 30 (trinta) estudantes que se prontificaram a responder o instrumento de pesquisa (questionário direcionado), são de ambos os sexos, sendo 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino e possuem faixa de idade entre 17 e 21 anos.

INSTRUMENTO

Como instrumento de pesquisa utilizou-se um questionário com respostas direcionadas contendo catorze questões. O mesmo encontra-se em anexo.

COLETA DE DADOS

Os questionários foram aplicados por mim, respondidos e devolvidos no mesmo dia, durante uma aula da disciplina de Língua Inglesa, no 3º ano do Ensino Médio da “Escola Estadual de 1º e 2º Graus 14 de Fevereiro”

ANÁLISE DOS DADOS

Observa-se a seguir a análise percentual de cada uma das 14 (catorze) questões, sobre crenças mais comuns na aprendizagem de Língua Estrangeira (Inglesa).

	Sim	Não	Neutro
	(%)	(%)	(%)
1) Eu tenho facilidade para aprender língua inglesa?	40 %	40 %	20 %
2) O mais importante na língua inglesa é aprender regras gramaticais?	50 %	34 %	16 %
3) O mais importante na língua inglesa é aprender vocabulário?	63,5 %	16,5 %	20,5 %
4) É importante ter uma pronúncia excelente ao falar inglês?	76 %	16 %	6 %
5) Ler livros ou revistas na língua inglesa quando o vocabulário está difícil é perda de tempo?	19,9 %	66,6 %	13,5 %
6) A melhor maneira de aprender língua inglesa é manter contato com falantes nativos da língua?	53,43 %	26,67 %	19,90 %

- 7) É deselegante questionar minhas dúvidas com o professor de língua inglesa durante a aula? 13,72 % 79,92 % 6,36 %
- 8) Há diferenças culturais no uso das línguas, como por exemplo, o que é educado dizer em um país em uma determinada situação é deselegante em outro país na mesma situação? 43,35 % 10 % 46,65 %
- 9) Você encontra dificuldades na gramática da língua inglesa? 59,5 % 24 % 16,5 %
- 10) Devo aprender inglês porque é a língua mais falada no mundo? 70 % 30 % 0 %
- 11) Algumas línguas são mais difíceis de aprender do que outras? 79,9 % 13,4 % 6,7 %
- 12) É mais fácil ler e escrever do que falar e ouvir na língua inglesa? 43,35 % 43,35 % 13,30 %
- 13) Aprender uma língua estrangeira é diferente das outras disciplinas do curso? 36,66 % 46,67 % 16,67 %
- 14) Eu me sinto inseguro quando faço uma leitura oral em língua inglesa na presença de outras pessoas ou colegas de sala? 70 % 20 % 10 %

RESULTADOS

Nas questões de números 1 e 14 que representam as crenças sobre capacidade de aprender línguas, verifica-se que os entrevistados estão divididos na primeira questão com um empate entre as respostas positivas e as negativas. E concordam na maioria com a questão de número catorze que revela insegurança em relação a oralidade da língua. A inibição pode ser um ponto forte contra o aprendizado.

As crenças relacionadas ao aprendizado da língua estrangeira, obtiveram a maioria das respostas positivas nas questões 2,3 e 6 e negativas na questão de número 13. Isso mostra que os aprendizes possuem convicções próprias sobre o que é importante aprender em uma língua e as estratégias adequadas de aprendizagem.

Em se tratando de crença sobre falantes nativos da língua alvo, a questão de número 4 recebeu grande quantidade de sim, enquanto que na questão 8 a grande maioria preferiu não opinar, ou seja, os alunos acreditam na importância de uma pronúncia excelente ao falar a língua alvo.

A seguir estão as questões de número 5 e 12 que fazem parte das crenças sobre as quatro habilidades da língua. Na questão de número 5 tem-se a maioria das respostas negativas, isto leva a crer que os alunos consideram importante ampliar o seu vocabulário da língua alvo. E o empate na questão 12 mostra que eles sentem -se divididos entre as alternativas de ter facilidade em ler e escrever e falar e ouvir na língua alvo.

Quanto a crença sobre comportamento em sala de aula, percebe-se que os alunos são desinibidos, não encontram problemas em expor suas dúvidas com o professor. Tem-se aí um ponto importante que favorece a aprendizagem.

Diante das crenças sobre a natureza das línguas em que a maioria de respostas foram sim, nas questões 9, 10,11, fica claro a existência desta crença entre os alunos.

Através da apresentação dos resultados verifica-se que de 6 tipos de crenças pesquisadas os alunos possuem 4 tipos que são:

Crenças sobre a natureza das línguas; neste grupo de crença observa-se uma crença negativa, que é acreditar ter dificuldades na gramática da língua inglesa. Esta crença pode despertar um certo desinteresse de aprendizagem no aluno.

Crença sobre aprendizagem; neste grupo ocorre uma situação importante que favorece o aprendizado da língua, que é os alunos estarem seguros do que eles acreditam ser necessário aprender dentro da língua e como aprender.

Crença sobre falantes nativos; o que chamou a atenção neste grupo foram os alunos não opinarem sobre a existência de diferenças culturais no uso das línguas, essa situação demonstra de certa forma que há pouca curiosidade sobre a cultura da língua em estudo.

Crença sobre si mesmo; tem-se neste grupo mais uma crença que pode influenciar de maneira negativa no aprendizado, a insegurança na leitura oral da língua alvo consequentemente pode provocar a timidez, e esta, desestimular a liberdade de expressão do aluno, deixando-o silencioso quando deveria treinar mais, já que não se sente seguro.

CONCLUSÃO

Diante do estudo feito, concluiu-se que as crenças são algo sugestivo e inerente ao indivíduo e que se desenvolve conforme o estímulo que recebe do meio em que está inserido e o estímulo interno próprio.

De acordo com a pesquisa realizada com estudantes de língua inglesa do Ensino Médio, observou-se a presença de quatro tipos de crenças mais comuns entre os estudantes.

Tendo as crenças uma ação significativa no processo de aprendizagem, acredito que seja importante, e/ou necessário, o professor trabalhar a parte psicológica dos alunos e até mesmo a própria para que o processo de ensino/aprendizagem se realize com bom êxito.

O tema abordado neste ensaio monográfico é abrangente e o tempo um tanto escasso não permitiu uma exploração profunda.

Embora não tenha sido possível uma maior reflexão, não eximiu-se de realizar o estudo do objeto de forma mais científica possível.

BIBLIOGRAFIA

ALL Wright, Dick, Bailey M. Kathleen. Focus on the Language classroom – Cambridge University Press, 1991.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas 2ª ed. Campinas: Pontes, 1998.

BIALYSTOKE, E. A Teoretical model of second language learning, Language Learning, 1978 apud RICHARDS J. C. e LOCKHART C. in Reflective Teaching in Second Language classrooms. Cambridge, 1994.

COSTA, D. N. M. Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1º grau. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda. e Editora da Universidade Católica, 1987.

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais. Nova Escola, março de 2002.

RICHARDS, C. JACK, LOCKCHART Charles Reflective Teaching in Second Language Classrooms. Cambridge University Press, 1994.

Revistas New Routes (July, October, 2000) January, 2001) – Disal.

SANTOS, H. L. de S. O papel da aprendizagem de línguas estrangeiras na formação integral do indivíduo. In: Anais V Empuli, V Encontro Nacional de Professores

Universitários de Língua Inglesa, São Paulo, Pontífica Universidade Católica de São Paulo. 1.984, v.1, p.3-8.

ANEXOS

12) É mais fácil ler e escrever do que falar e ouvir na língua inglesa?

☐ Sim ☐ Não ☐ Neutro

13) Aprender uma língua estrangeira é diferente das outras disciplinas do curso?

☐ Sim ☐ Não ☐ Neutro

14) Eu me sinto inseguro quando faço uma leitura oral em língua inglesa na presença de outras pessoas ou colegas de sala?

☐ Sim ☐ Não ☐ Neutro